

Jesus, narrativa da misericórdia de Deus*

ENZO BIANCHI**

Resumo: O texto pretende mostrar como as fontes cristãs apresentam Jesus sob o signo da misericórdia divina. Desde a cena inaugural da sua vida pública em Nazaré, é sobretudo Lucas quem mostra Jesus como profeta da misericórdia divina para com o mundo, de um modo diferente do Antigo Testamento. Este modo de falar e de agir causa incômodo nos ouvintes, habituados a outra compreensão de Deus. Mas é esse modo de agir que desafia a razão humana de todos os tempos a pensar-se de outro modo.

Palavras-chave: Jesus, misericórdia, escândalo, razão teológica, práxis, compaixão.

Abstract: The essay aims a description of Jesus' personality and action in the horizon of mercy right from the beginning of his public ministry. This view conflicts with the traditional view of God in the Old Testament and in religion's history. This way of speaking and acting upsets all those that were hearing, familiar with another image of God. Therefore, Christian faith is invited to renew human reason and religious attitude.

Keywords: Jesus, mercy, New Testament, praxis, theological reason, compassion.

* Traduzido do original italiano por Alexandre Freire Duarte.

** Prior de Bose.

1. A misericórdia de Deus revelada por Jesus

Jesus veio revelar plenamente e definitivamente a Deus (*exeghésato*: Jo. 1,18) e à sua misericórdia, através da sua vida humana entretecida de ações e palavras. Jesus sabia que o seu Deus era um Deus misericordioso, que ama a humanidade com todas as suas entranhas:

- quando se encoleriza, isso deve-se ao facto de que não é indiferente ao mal, mas de que «a sua cólera dura apenas um instante, o seu amor toda a vida» (Sal. 30,6);
- tem entranhas que se comovem como as de uma mãe (cf. Is. 49,15);
- perdoa todos os pecados e, ainda que estes fossem como a escarlata, torna-os brancos como a neve (cf. Is. 1,18);
- esquece os pecados e elimina-os, como se nunca tivessem sido cometidos (cf. Jr. 31,34; Ez. 18,22; 33,16);
- não quer a morte do pecador, mas que este se converta e viva (cf. Ez. 18,23; 33,11);
- intervém para libertar, para erguer aqueles que são oprimidos (cf. Ex. 3,7-8; 6,6-7).

Eis, então, que Jesus leva ao seu cumprimento com atitudes e palavras esta imagem do Deus misericordioso: eis o Evangelho, a Boa Nova da misericórdia. Para Jesus justiça, verdade e misericórdia são uma só realidade, e devido a isso ele rejeita o juízo no presente, na história. Como a misericórdia caracteriza o seu ministério, na sua ação todo e qualquer juízo é suspenso, cada condenação permanece por executar, e o juízo que se manifestar será simultaneamente justiça, verdade e misericórdia, pois Deus principalmente ama as suas criaturas.

Há uma mudança poderosa, decisiva, operada por Jesus em função do anúncio da misericórdia de Deus para com o homem pecador. Basta ler o início do seu ministério como este é narrado pelo evangelista Lucas. Em dia de sábado, Jesus dirige-se à sinagoga de Nazaré e, depois da leitura do trecho da Torá (*parashah*), é convidado a proclamar uma passagem dos escritos proféticos (*haftarah*). Presumivelmente naquele dia foi lido o texto de Dt. 18,15-18 acerca do profeta escatológico semelhante a Moisés prometido por Deus, e por conseguinte uma primeira explicação era fornecida pelo capítulo 61 do profeta Isaías: é Jesus quem o lê e deve comentar a santa Escritura naquela liturgia da Palavra. Dirigindo-se ao ambão, sobre a cadeira de Moisés, Jesus não lê por inteiro os versículos 1 e 2 de Is. 61, antes suspende a sua leitura, evitando mencionar, depois da proclamação do ano da misericórdia do Senhor,

“o dia da vingança para o nosso Deus” (cf. Lc. 4,16-18). Jesus detém-se, anunciando dessa forma tão-somente graça e misericórdia, e, reenrolando o rolo das escrituras e entregando-o ao ministro (cf. Lc. 4,20), senta-se para fazer uma homilia, brevíssima: “Hoje cumpriu-se esta Escritura ao ouvires a mesma” (Lc. 4,21). Assim ele surge como o profeta da misericórdia, que não anuncia a vingança de Deus. Perante estas suas palavras, surge a reação daqueles que estavam presentes na sinagoga. Confrontados com o anúncio da misericórdia de Deus que liberta os prisioneiros, dá a vista aos cegos, anuncia aos pobres o Evangelho, a Boa Nova, surge uma divisão no auditório: alguns estão maravilhados e cheios de alegria por tal anúncio (cf. Lc. 4,22), enquanto outros rejeitam tal oferta, a ponto de quererem atirá-lo de um precipício (cf. Lc. 4,28-29). A misericórdia não é bem acolhida, antes rejeitada...

O próprio João Batista diante daquela pregação, que não estava em linha com a sua a respeito do tema da ira iminente de Deus e do seu juízo destinado a abater-se sobre os pecadores como um machado sobre uma árvore infrutífera (cf. Mt. 3,7-10; Lc. 3,7-9), fica perplexo. Ele esperava e anunciava que se pegasse na pá de joeirar para separar o grão bom e deitar o joio no fogo ardente; ou seja, esperava um juízo que restabelecesse a justiça (cf. Mt. 3,12; Lc. 3,17), mas, pelo contrário, dá-se conta de que o seu discípulo Jesus se fazia próximo dos pecadores, dos excluídos do povo, dos impuros, compartilhando as refeições com eles e nem sequer as prostitutas lhe são alheias... Onde está a era messiânica? Onde está o juízo de Deus? Na sua perplexidade, então, João, nessa altura já na prisão, envia os seus discípulos a Jesus para que lhe perguntem: “És tu aquele que está para vir, ou devemos esperar um outro?” (Mt. 11,3; Lc. 7,19.20). E a resposta que recebe, à qual se submete com total obediência, indica o obrar de Jesus como um obrar de misericórdia, as ações de misericórdia como a sua missão: “Ide e dizei a João o que vedes e ouvistes: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, aos pobres é anunciado o Evangelho” (Mt. 11,4-6; Lc. 7,23). É verdadeiramente bem-aventurado aquele que não se escandaliza com Jesus, porque compreende e aceita a mudança definitiva trazida por ele para a narração do rosto de Deus: acontece aquilo que João não esperava, mas o que acontece exprime de uma vez por todas a misericórdia, o amor de Deus para os seres humanos.

2. A misericórdia escandaliza

Devemos admiti-lo: aquilo que de Jesus ainda hoje escandaliza não são as suas palavras de juízo, as suas palavras rígidas, por vezes duras; tampouco escandaliza o seu agir, pois reconhece-se o seu “fazer o bem” (cf. Mc. 7,37; At.

10,38). Não, aquilo que escandaliza é a misericórdia, interpretada por Jesus de um modo oposto àquele pensado pelos homens religiosos, por nós!

Algumas vezes parece que a misericórdia é pedida por Deus, é esperada e colocada facilmente em atos, e em vez disso – devemos reconhecê-lo humildemente – em toda a história da Igreja a misericórdia escandalizou, e por conseguinte foi exercitada poucas vezes. Quase sempre foi mais visível o ministério da condenação do que aquele da misericórdia e da reconciliação. Basta ler a história com atenção, sobretudo aquela dos concílios, para ver com que segurança ao longo dos séculos foi usada a parábola do joio (cf. Mt. 13,24-30), pervertendo-se a mesma. Nesta, Jesus pede para que não se arranque o joio, ainda que ameace o bom grão, e para que se espere a colheita e o juízo do fim dos tempos. Pelo contrário na Igreja apontou-se o inimigo, aquele que era diferente como o joio, autorizando-se a sua erradicação, a sua condenação na fogueira. Ou olhemos para as nossas histórias pessoais: quão difícil é perdoar, fazer misericórdia no concreto, deixar-se comover por quem tem necessidade, até se fazer por ele o bem, deixando de realizar aquilo que havíamos pensado contra ele... Além do mais, se é verdade que a palavra *misericórdia* parece ser entendida pela nossa sociedade como um sentimento sem vigor nem verdade – a ponto de se dizer “A misericórdia? Demasiado fácil!” –, quando ela é praticada de um modo autêntico, ela perturba realmente, desperta objeções. E isto porque a misericórdia é mais temível do que a justiça: é um repúdio do mal em nome da partilha de um amor.

A mensagem da misericórdia escandaliza, não é entendida por aqueles que se sentem justos, em paz com Deus (e para os quais Jesus não veio: cf. Mc. 2,17!), mas, pelo contrário, é compreendida e aceite por aqueles que se sentem no pecado, necessitados do perdão de Deus. Os crentes “religiosos” de ontem e de hoje têm dificuldade em se sentirem irmãos e irmãs dos pecadores, das pecadoras, porque nas suas vidas não cometeram pecados “graves”, pelo que se colocam no grupo dos justos, daqueles que podem gabar-se de algo ante o Senhor: gabar-se de não terem errado gravemente. Foi assim durante o ministério de Jesus, foi assim na história da Igreja, é ainda assim nos nossos dias, quando somos interrogados pelo Papa Francisco acerca da nossa própria capacidade de misericórdia: misericórdia da Igreja, misericórdia de cada um de nós por quem errou ou precisa do nosso amor. Frequentemente estamos dispostos a fazer misericórdia se tiver havido punição, punição daqueles que fizeram o mal (e dizemos que esta é a justiça!), se o pecador tiver sido suficientemente humilhado e só se implorar misericórdia como um mendigo. De qualquer modo, estabelecemos limites precisos para a misericórdia, porque pensamos que certos erros, certas falhas, certas decisões ocorridas no âmbito do mal e não mais reparáveis devem ser punidas para sempre pela disciplina

eclesiástica: para alguns erros que não podem ser revertidos não existe misericórdia, pelo que a misericórdia não é infinita, mas só pode ser concedida em condições específicas...

Eis a nossa traição ao Evangelho, eis como a misericórdia escandaliza. Por outras palavras, a sequência "crime e castigo", título do célebre romance de Fiodor Dostoiévski, está engastada na nossa postura de crentes, de homens religiosos, como selo de uma justiça retributiva que se manifesta como punitiva e meritocrática; mas devemos pensar se tal modo de pensar e expressar é conforme ao Evangelho de Jesus Cristo! Porque não conseguimos compreender que a santidade de Deus não brilha quando não existe pecado no homem, mas quando Deus tem misericórdia e perdoo? Porque não conseguimos compreender que a onnipotência, a soberania de Deus se mostra sobretudo perdooando, como deixa claro a oração coleta do 26.º domingo do "tempo comum" ("*Deus, qui omnipotentiam tuam parcendo maxime et miserando manifestas...*"¹)? Só à luz desta santidade de Deus, desta sua onnipotência, é que se pode viver como instrumento de boas obras o "não desesperar jamais da misericórdia de Deus" (*Regra de São Bento* 4,74).

Para se compreender a misericórdia verdadeira, isto é, segundo Jesus, não podemos senão ir às suas palavras e aos seus gestos. Muitas são as suas palavras a este respeito, especialmente as parábolas; muitos são os encontros e os gestos de misericórdia operados por Jesus. Aqui fica pelo menos um aceno aos testemunhos do evangelho, a modo de sumário e de convite a aprofundar as passagens citadas.

No seu encontro com o homem infetado com a lepra, Jesus, "movido por uma compaixão entranhada" (*splanchnistheis*), estende a mão, toca no leproso e diz-lhe: "Eu o quero, fica purificado." E de imediato a lepra desaparece (cf. Mc. 1,40-45 e par.).

Quando, desembarcando num local deserto, Jesus vê uma grande multidão que o procurava e o havia precedido a pé, "foi tomado de uma compaixão entranhada pois eram como ovelhas sem pastor", e ele a alimentou primeiramente com a sua palavra e, depois, com pães e peixes (cf. Mc. 6,30-44; Mt. 14,13-21). De acordo com os evangelhos, este encontro ocorre uma outra vez, quando a numerosa multidão que seguia a Jesus para o ouvir não tinha o que comer. Nessa ocasião, ele "chamou até si os discípulos e disse-lhes: 'Tenho compaixão entranhada por esta multidão!'" e, de seguida, partilhou com os presentes o pão e o peixe (cf. Mc. 8,1-10; Mt. 15,32-39). Inclusive na sua subida para a cidade santa, a caminho da sua paixão e morte, Jesus é

¹ "Deus, que manifestas a tua onnipotência, especialmente no teres e comunicares misericórdia" (*N.T.*).

capaz de discernir no meio da multidão dois cegos que lhe gritam e, “tomado de compaixão entranhada, tocou-lhes nos olhos e imediatamente recuperaram a vista e seguiram-no” (cf. Mt. 20,29-34).

Não são os encontros de Jesus com as mulheres sempre marcados por estes seus sentimentos de misericórdia e de compaixão? Quando se depara com a viúva de Naim que leva para sepultar o seu único filho, morto, “vendo-a foi tomado de compaixão entranhada [*esplanchnísthe*] e disse-lhe: ‘Não chores!’”, e ao morto disse: “Jovem, eu te digo, ergue-te!”, restituindo depois o filho vivo à mãe (cf. Lc. 7,11-17). Diante da mulher pecadora, uma prostituta, que em casa do fariseu Simão lhe lava os pés com lágrimas e os seca com os seus cabelos, beijando-os e perfumando-os, Jesus não só deixa que isso seja feito, como lhe diz que os seus pecados estão perdoados para sempre por causa do amor da mulher e da sua confiança em si (cf. Lc. 7,36-50). Evangelho nos evangelhos, hino à misericórdia entre os hinos à misericórdia, é indubitavelmente o encontro de Jesus com a mulher adúltera conduzida pelos escribas e fariseus para ser lapidada: Jesus acolhe-a, perdoa-a e envia-a em paz (cf. Jo. 8,1-11).

Lucas registra inclusive o encontro com Zaqueu em Jericó, quando o próprio Jesus pede para ser acolhido na casa daquele e suscita naquele pecador um movimento de arrependimento e conversão, que faz com que a salvação entre na sua casa (cf. Lc. 19,1-10). Mesmo na pregação, e particularmente nas parábolas, Jesus mostra o que é a misericórdia, descreve-a, lê-a na sua dinâmica para com os seus pecadores, os perdidos, o extraviado. As três parábolas da ovelha perdida, da moeda perdida e do filho mais novo que abandonou a casa paterna são a revelação, o mais elevado desvelamento, do verdadeiro rosto e do verdadeiro coração de Deus: Deus, que suporta o extravio, permite-o, mas no seu amor fiel continua a buscar, a esperar, a estar atento a quem se perdeu; Deus, que faz a festa, está alegre, quando um homem que estava perdido, prestes a afundar-se no inferno, logra erguer-se, levantar-se, ressurgir; Deus, que possui uma inexaurível misericórdia, que perdoa sempre, sempre, sempre (cf. Lc. 15,1-32)!

Pense-se, ainda, na parábola do devedor e do credor: ao devedor é desculpado – totalmente perdoado! – por um credor misericordioso, imagem de Deus, o seu enorme débito, mas depois ele é incapaz de perdoar e de desculpar um pequeno débito a um outro seu irmão humano (cf. Mt. 18,23-35). Um outro empreendedor, sempre imagem de Deus, é de tal modo misericordioso no dar a todos os trabalhadores chamados à sua vinha – quer ao que trabalhou somente uma hora, quer a quem trabalhou de manhã ao entardecer – o mesmo salário necessário para viver (cf. Mt. 20,1-16). Parábolas que expressam como a misericórdia de Deus deve ser compreendida pelos discípulos, como os

discípulos devem praticá-la enquanto primado absoluto na relação entre as pessoas e na relação com o Senhor "misericordioso e compassivo" (Ex. 34,6).

Síntese de todo o ensinamento de Jesus a respeito da misericórdia é, certamente, a célebre parábola do samaritano, o qual "fez misericórdia", fazendo-se próximo, chegando a um outro homem que estava em necessidade. Neste samaritano deparamo-nos com a imagem do Senhor Jesus que se fez próximo de nós para trazer a salvação, mas tal como com a imagem que cada um de nós deve assumir com responsabilidade e inteligência criativa nos encontros com o outro, com todo o outro, sem nenhuma distinção (cf. Lc. 10,30-37).

Ora bem, permanece verdadeiro que estas palavras e gestos, estas parábolas e encontros de Jesus, o qual era movido pela compaixão a realizar gestos de libertação e de sanção do mal, escandalizaram e ainda escandalizam os justos. Estes – tenha-se atenção – são verdadeiramente justos em consequência do seu comportamento conforme à lei, como o fariseu da parábola (cf. Lc. 18,11-12). Na realidade, contudo, estes são pouquíssimos, e, porém, diante de Deus ninguém é justo, tal como está escrito: "o justo peca sete vezes ao dia" (cf. Prov. 24,16), isto é inumeráveis vezes –, enquanto são muitos os que se consideram como tal. Em consequência desta opinião que formulam sobre si mesmos, porquanto isentos de pecados grandes, públicos, visíveis, constatáveis e verificáveis pelos demais (embora os realizem secretamente!), estes pretensos justos sentem-se diferentes dos demais homens e mulheres, e de certo modo creem poder reivindicar direitos diante de Deus! Que Deus acolha os pecadores arrependidos é algo bom e louvável, pois ele é amor, mas que os pecadores e as prostitutas precedam no reino de Deus os sacerdotes e os teólogos (e inclusive os monges, poderíamos acrescentar!), isto é inaudito, e é perigoso ser afirmado: todavia Jesus disse-o diante destes (cf. Mt. 21,32)... Que "o filho pródigo" seja perdoado pelo pai amoroso é aceitável, sobretudo depois de um tempo de punição e com a promessa de não reiterar o erro; mas celebrar em sua honra uma festa sem o censurar nem lhe impor condições, e admiti-lo em casa sem objeções, "isto é demais" (cf. Lc. 15,20-24): é um perigoso excesso de misericórdia, porque todos se sentirão autorizados a repetir a fuga do filho pródigo, contando com um pai que perdoad sempre... E, além do mais, deste modo se subverte o conceito de justiça: onde vai parar a justiça, se existe um perdão assim tão gratuito, tão sem condições? Onde está a retribuição pelo bem e pelo mal cometido? Escreveu o papa Francisco:

"Diante da visão duma justiça como mera observância da lei, que julga dividindo as pessoas em justos e pecadores, Jesus procura mostrar o grande dom da misericórdia que busca os pecadores para lhes oferecer o perdão e a

salvação... Se Deus Se detivesse na justiça, deixaria de ser Deus; seria como todos os homens que clamam pelo respeito da lei. A justiça por si só não é suficiente, e a experiência mostra que, limitando-se a apelar para ela, corre-se o risco de a destruir." (*Misericordiae vultus*, 20.21)

Na verdade, quem leva a cabo uma vida aparentemente impecável pode errar permanecendo em casa, tal como quem saiu de casa e pecou longinquamente (cf. Lc. 15,25-32). Além do mais, naquele que se sente justo pode surgir a lógica da vida irrepreensível, fruto de um esforço voluntarista feito por ele mesmo, não um dom reconhecido por Deus; pode gerar uma tentativa de adquirir orgulhosamente méritos.

Sim, a misericórdia de Jesus, aquela praticada e pregada por ele, "é excessiva" e choca! Estamos mais disponíveis para os atos de culto, para a liturgia, do que para a misericórdia. Escreveu com toda a justiça Albert Camus, em referência a Jesus: "Na história da humanidade houve um momento em que se falou de perdão e de misericórdia, mas durou pouco tempo, menos de três anos, e a história acabou mal." Foi a misericórdia de Jesus que o conduziu à morte, por parte de homens religiosos: foi o ter anunciado um Deus misericordioso que não lhe podia ser perdoado.

3. Como viver a misericórdia

Para fazer misericórdia, como o samaritano da parábola, são necessárias algumas condições bem precisas.

Antes de tudo o mais é necessário *ver*. Nos evangelhos sublinha-se inúmeras vezes esta aptidão de ver por parte de Jesus, que se manifesta no seu agir ou nas parábolas narradas por si:

"Vendo a mulher, o Senhor foi tomado de compaixão entranhada." (Lc. 7,13)

"Um samaritano, que ia de viagem, passando perto [do homem ferido], viu-o e foi tomado de compaixão entranhada." (Lc. 10,33)

"Quando [o filho] estava ainda longe, o seu pai viu-o e foi tomado de compaixão entranhada." (Lc. 15,20)

Somente do ver deriva o fazer-se próximo (cf. Lc. 10,36), o fazer-se chegado ao outro, ao desconhecido; e é aqui que começa o decisivo face a face, no qual se exercitam os olhos para ver a necessidade, o sofrimento dos irmãos e das irmãs, o tomar consciência da sua situação.

Daqui nasce o *sentir*, não só com o coração, mas com as entranhas – verbo *splanchnízomai*, usado nos evangelhos nove vezes por Jesus (Mc. 1,41; 6,34; 8,2; 9,22; Mt. 9,36; 14,14; 15,32; 20,34; Lc. 7,13); uma vez pelo samaritano (Lc. 10,33), no qual a tradição patrística vislumbrou a figura de Jesus; duas vezes para Deus, nas parábolas (Mt. 18,27; Lc. 15,20) –, agitando-se em nós sentimentos profundos, sentindo-se misericórdia, amor pelos pobres, entrando-se na compaixão. O sacerdote e o levita da parábola, passando ao largo (cf. Lc 10,31-32), isto é, tendo recusado a proximidade, o face a face, não conheceram este movimento das entranhas.

Finalmente passa-se ao *agir*, mãos nas mãos, ousaria dizer. Depois de ter visto e ter sentido misericórdia, faz-se misericórdia, sempre de uma forma distinta e criativa, para ir em ajuda de quem necessita. Pense-se em todas as ações levadas a cabo pelo samaritano, na sua criatividade, mesmo “transitiva”, no sentido que envolve um terceiro: “aproximando-se, atou-lhe as feridas, aplicando-lhes azeite e vinho; depois pô-lo sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida deste homem; aquilo e, se alguma coisa gastares a mais, eu to pagarei quando voltar’” (Lc. 10,34-35).

No medievo, mais precisamente no século XII, este fazer misericórdia encontrou uma síntese na lista das sete obras de misericórdia corporais – retiradas do discurso sobre o juízo universal pronunciado por Jesus em Mt, 25,31-46: dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, alojar os peregrinos, visitar os doentes, visitar os cativos; às quais se anexou o sepulturar os mortos, ação retirada do livro de Tobias (cf. Tb. 1,17-19; 2,1-8; 12,12-13) –, juntamente com a das sete obras de misericórdia espirituais. Também estas listas desejam ser um instrumento para conduzir ao essencial: fazer misericórdia no encontro com o irmão ou a irmã na fé, ou na humanidade. É também necessário lograr fazer misericórdia a nível jurídico, económico e político, tal como pedia João Paulo II na mensagem para o Dia mundial da Paz de 1 de janeiro de 2002: “Somente na medida em que se afirmam uma ética e uma cultura do perdão, é que se pode esperar uma ‘política do perdão’, expressa em comportamentos sociais e instrumentos jurídicos, nos quais a mesma justiça assuma um rosto mais humano” (§ 8).

O fazer misericórdia pode e deve expressar-se também de uma forma não programada. Para ilustrar isto, como conclusão, agrada-me atualizar a supra-mencionada parábola de Jesus, narrando-a de uma outra forma. Não desejar ser irreverente nem contradizer as palavras do evangelho, mas acredito que as mesmas me autorizam a alterar ligeiramente a última parte da parábola. «Um homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais lhe roubaram tudo e, espancando-o, retiraram-se, deixando-o meio

morto (Lc. 10,30). Passa um sacerdote, passa um levita e ambos continuam a andar, sem entrarem em contacto com aquele homem, sem se fazerem próximos dele (cf. Lc. 10,31-32). Passa, depois, um samaritano (cf. Lc. 10,33), o qual vai a pé como o desafortunado, não tem jumento sobre o qual cavalgar, nem óleo, nem vinho, nem bandas, nem dinheiro. Chega ao local, para, vê este homem, talvez não consigam dialogar, porque os seus idiomas são diversos. O que fazer então? Se o tivesse carregado sobre os ombros, no meio do calor do deserto, pouco tempo depois ambos seriam vencidos pela sede. Não lhe resta outra possibilidade: está privado de todos os bens. Então decide fazer algo muito simples: segura-lhe a mão na sua própria mão, sem dizer nada, e está perto dele até que ele morra nos seus braços. Também este samaritano faz misericórdia, exatamente como aquele da parábola narrada por Jesus, que tinha meios e possibilidades económicas»².

"Fazer misericórdia" é sempre chegar até ao outro no seu sofrimento, e não olhar para ele com sentimentos bons ou de piedade. Porque a misericórdia ocorre como um evento evangélico somente quando *cor ad cor miseretur*, "um coração tem misericórdia de um coração". Aqui está o que nos espera em cada dia das nossas vidas: contemplar e louvar a misericórdia de Deus, e colocá-la em prática de um modo concreto com todo aquele de quem nos aproximamos, sem perguntar quem ele ou ela é, e com os pobres meios que podemos ter. Trata-se, num resumo sintético, de dar ao outro a própria presença: neste sentido, nenhum de nós pode dizer que não pode fazer misericórdia.

² BIANCHI, Enzo – *Raccontare l'amore. Parabole di uomini e donne*. Milano: Rizzoli, 2015, p. 57-58.